

Notas sobre o "MITO DA CAVERNA", de PLATÃO

Elaborado por: Roberta de Araújo Binatti / 2005.1

O Mito da Caverna supõe homens vivendo desde a infância dentro de uma caverna, com as pernas e pescoços algemados, permanecendo num mesmo lugar, praticamente imóveis, olhando para frente e sendo incapazes de voltar a cabeça.

A caverna é uma habitação subterrânea com uma entrada para luz ao longo dela, a iluminação é um fogo que se queima ao longe numa elevação por detrás dos homens. Entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente no qual se construiu um pequeno muro e ao longo deste muro homens transportam objetos que são vistos por aqueles que estão dentro da caverna.

Num determinado momento é proposto que um desses homens que vivem na caverna seja solto e ele, então, precisará se adaptar ao mundo natural.

Platão, através desta alegoria, tenta elucidar a dicotomia existente na percepção de mundo, ela representa a existência de dois mundos: o Mundo Sensível e o Mundo Inteligível.

O Mundo Sensível ou Mundo das Aparências é o mundo percebido apenas pelos sentidos humanos e está representado pela caverna.

O Mundo Inteligível, Mundo das Idéias ou Mundo das Essências é aquele percebido através da razão, do intelecto, que são os caminhos para a verdade. Este mundo é representado pela vida fora da caverna.

Os homens que viviam dentro da caverna acreditavam que a realidade era a sombra dos objetos, pois esta era a única que conheciam. Uma vez livres, iriam para o mundo real onde se inicializaria a construção do conhecimento que seria marcada por sofrimento, como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora [...] (p. 211)

Esse homem diante do sofrimento poderiam ainda acreditar que a realidade da caverna era mais real do que aquela que lhe estava sendo apresentada, visto que ele já estava acostumado àquela realidade.

Mas o sofrimento poderia ser amenizado se ao sair da caverna ele olhasse primeiro para as sombras, depois para as imagens dos homens e dos outros objetos refletidos na

água, em seguida para os próprios objetos, então seria capaz de contemplar o céu durante a noite e finalmente poderia olhar para o Sol.

Estando adaptado ao mundo natural ele compreenderia a dimensão do Sol como um todo e que era ele também responsável pelas sombras que via na caverna. O Sol é a luz, símbolo da verdade, pois através desta luz é possível ver além das aparências e com a utilização da razão ascender ao Mundo das Essências.

Tendo conhecido a verdade esse homem não iria querer regressar às ilusões que vivera outrora e preferiria sofrer tudo no novo mundo ao regresso. Porém ele poderia querer falar sobre a verdade, ou ainda, mostrá-la aos seus amigos que permaneciam na caverna e retornando, teria os olhos cheios de trevas, uma vez que já estava adaptado à luz do Sol.

Ele acreditava que os habitantes da caverna gostariam de conhecer a verdade e, por isso, foi até lá e contou o que viu à eles, mas aqueles homens que estavam habituados às trevas riram dele e diziam que ele teria estragado suas vistas quando subiu ao mundo superior, então, eles não iriam querer tentar a ascensão e se ele insistisse em soltá-los e conduzi-los para cima poderia ser morto, pois estaria contrariando a vontade deles.

Esses homens que viviam na caverna tinham acesso apenas ao Mundo Visível através dos olhos na caverna da prisão, não podiam perceber que até as sombras e a luz da fogueira existia à força do Sol. Enquanto aquele que subiu ao mundo superior teve acesso a um tipo de visão iluminada que representa a ascensão da alma ao Mundo Inteligível, onde ele conheceria a idéia do Bem, que é a justiça e a beleza, que precisam ser praticadas na vida pública e particular, sendo esta prática acessível apenas pela razão e pelo intelecto.

A razão feria o homem perceber que há uma dualidade na visão, que é preciso ver com os olhos, mas principalmente com a alma.

Fazendo uma analogia da alegoria de Platão com os homens do mundo de hoje, é fácil perceber que os habitantes da caverna são os insipientes, aqueles que não querem ver além daquilo que lhes é mostrado. Enquanto aquele que saiu da caverna e subiu ao mundo superior demonstrando o desejo de ver além, são aqueles que estão sempre em busca do conhecimento, da razão, da verdade, do bem. Estes homens geralmente são incompreendidos pelos primeiros que preferem ver o que a visão em sentido estrito lhes permitir ver.

BIBLIOGRAFIA

PLATÃO. A República. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo, SP: Martin Claret, 2004.